

ESTUDOS E CONTROVÉRSIAS

2.ª SÉRIE

DO AUTOR

- Nova interpretação da Tragédia do Génesis—*Porto Médico*.
Pequena Antologia Clássica—*Renascença Portuguesa*.
Nova Teoria do Sacrifício—*Renascença Portuguesa*.
Contos de M.^{me} d'Aulnoy—Tradução e prefácio—*Renascença Portuguesa*
A Literatura Portuguesa Medieval—*Na História de Portugal*, Portu-
galeza Editora—Barcelos.
Estudos e Controvérsias—Faculdade de Letras do Porto.

EM PREPARAÇÃO

- Introdução à História das Religiões.
Bernardim Ribeiro.
Lições elementares de grego (língua e literatura), professadas na Faculdade
de Letras do Porto (anos 1928-29 e 1929-30).

JOSÉ TEIXEIRA REGO

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

== ESTUDOS ==
E
CONTROVÉRSIAS
2.ª SÉRIE



PORTO
FACULDADE DE LETRAS
1931

UM PROBLEMA DE HISTÓRIA LITERÁRIA

(DA APARIÇÃO DO ESTILO PITORESCO
NA LITERATURA PORTUGUESA)

Publicado na *Rev. de Est. Históricas*. Ano 2.º, n.º 1

UM dos processos de que modernamente lança mão com mais freqüência o escritor, é a caracterização da paisagem, das variações do céu e das nuvens, do retrato, do vestuário, pelas diversas côres que apresentam. O escritor pretende, dalgum modo, rivalizar com o pintor, oferecendo-nos verdadeiros quadros com meias tintas, claro-escuro, côres vivas, que um leitor requintado filiará na maneira de determinado pintor — um Rubens, um Rembrandt, um Greuze (1).

•No século XIX, diz o eminente Gustave Lanson, produz-se um fenómeno novo. Entre o modêlo objectivo ou subjectivo e a obra, alguma coisa se interpõe: não um ideal, mas a idea duma maneira, dum processo de arte ou dum efeito de arte a obter, ou, para falar com mais precisão, a idea duma outra arte a que a litera-

(1) V. no entanto as considerações de P. Lacombe, no seu livro «Introduction à l'Histoire Littéraire», Paris 1896, pág. 264.

tura pretende assemelhar-se e excitar as emoções especiais. Isto começou com Chateaubriand, mesmo antes dêle, com Bernardin de Saint-Pierre. Este, {vê-se bem, procura dar à sua descrição o carácter duma notação de pintor; não quer dar-nos apenas a sensação visual do nascer ou pôr do sol, mas a dos tons que se fundem nesta sensação, a das côres que toma como numa paleta para compor estes tons} (1).

Ainda diz o mesmo Lanson: «Bernardin... será o verdadeiro criador da frase pitoresca, daquela que é apenas sensação pura, sensação de vista ou emoção de pintor traduzida em formas e em côres» (2). Vejamos num nascer do sol em Bernardin de Saint-Pierre a demonstração do que fica exposto:

«Vouz verrez d'abord blanchir à l'horizon le lieu où elle (l'aurore) va paraître... Cette blancheur monte insensiblement au ciel et se teint en jaune, le jaune, s'élevant à quelques degrés au-dessus de l'horizon passe à l'orangé; et cette nuance d'orangé s'élève au dessus en vermillon vif qui s'étend jusqu'au zénith. De ce point, vous apercevez au ciel, derrière vous, le violet à la suite du vermillon: puis l'azur, ensuite le gros bleu ou indigo. et, enfin, le noir tout à fait à l'occident» (3). Comentário de Lanson a êste trecho: «Não se diria um fragmento do *carnet*

(1) Lanson — «L'Art de la Prose», Paris, 1909, p. 277.

(2) Lanson id.; pág. 204. V. também a «Histoire de la Littérature Française», do mesmo autor, II.^a ed., pág. 831.

(3) B. de Saint-Pierre — «Etudes sur la Nature, X.

dum pintor, notas técnicas dum modelo para o trabalho no *atelier?*.". Até aqui a literatura, tanto em prosa como em verso, estava organizada para reproduzir, essencialmente, o homem e a vida; agora o mundo exterior, particularmente a paisagem, ou seja o domínio dos pintores, foi anexado à literatura, e a frase tornou-se apta para receber tudo aquilo que só na tela parecia poder exprimir-se.

Renard ⁽¹⁾, falando-nos do abuso do emprêgo dos termos nobres e gerais nos fins do século XVIII, assinala a Saint-Pierre e a Chateaubriand o mesmo papel que lhe atribui Lanson nas passagens citadas, identicamente a Arvède Barine (M.^{me} Vincens), que na sua monografia do autor do «Paulo e Virginia», afirma que êste «legou aos seus sucessores os primeiros grandes modelos da paisagem literária» ⁽²⁾.

Estas afirmações levam-nos naturalmente a investigar o que era o estilo pitoresco, ou melhor, o estilo pictural, antes de Bernardin, sobretudo em Portugal.

* * *

Chateaubriand, sustentando que a mitologia impedira os antigos de terem uma poesia descri-

(1) G. Renard — «La Méthode Scientifique de l'histoire Littéraire», Alcan, 1900, pág. 332.

(2) Arvède Barine — «Bernardin de Saint-Pierre», Hachette, 3.^a ed., pág. 186. V. também «Histoire de la Littérature Française illustrée» de Bédier e Hazard, 1923, 2.^o vol., pág. 139.

tiva, recorda-nos que os próprios poetas que cantaram a natureza como Hesíodo, Teócrito e Vergílio, embora nos tivessem legado admiráveis pinturas dos trabalhos, dos costumes e da felicidade da vida rústica, apenas nos deixaram nos seus escritos raros traços destes quadros dos campos, das estações, dos acidentes do céu, que enriqueceram a musa moderna (1).

Esta mesma escassez de descrições da natureza preocupava Schiller (2) e originou um magnífico capítulo do «Kosmos» (3) de Humboldt, no qual se inventariam as raras passagens que mostram o amor dos antigos pela natureza.

E' nos italianos que iremos encontrar a admiração pela natureza e a sua pintura. Êles foram, diz Burckhardt na esteira de Humboldt, os primeiros entre os modernos que viram numa paisagem um objecto mais ou menos belo e que tenham achado prazer em olhar para um lugar pitoresco... Entre os antigos, por exemplo, a arte e a poesia tinham esgotado tudo o que se refere à vida do homem, antes de chegarem à descrição da natureza. Esta nunca formou mais do que um género restrito, se bem

(1) Chateaubriand — «Génie du Christianisme», ed. Flammarion, vol. 1.º, pág. 227-8. V. também a nota Q., pág. 364 do mesmo volume.

(2) Schiller's sämtlich Werke, 1826, Bd. XVIII, S. 231, 473, 480 e 486.

(3) Humboldt — «Kosmos, Entwurf einer physischen Weltbeschreibung» — 1847, Bd. 11. S. 6.

que, desde Homero, se encontre um grande número de palavras e de versos que atestam a funda impressão que a natureza produzia nos gregos e nos romanos» (1).

Relendo, porém, os passos apontados, notaremos que o cromatismo raro intervém, e, quando uma notação de côr aparece, é desacompanhada de outras, de modo que nunca temos a impressão que nos dá Bernardin de Saint-Pierre—do *carnet* dum pintor.

Burckhardt, passando em revista trechos pitorescos (num sentido largo, não no restrito que lhe damos neste artigo) dos escritores italianos, depois de se referir a Dante, Petrarca e Fazio degli Uberti, ao chegar a Silvio Eneas (1405-1458) verifica que êste foi o primeiro que tenha gozado os esplendores da paisagem italiana e os tenha descrito com entúsimos até nos mais pequenos pormenores (2). Mas entusiasmo e pormenores estão longe do estilo de Saint-Pierre e dos seus seguidores.

Exemplo da prosa de Silvio Eneas: «Degraus abertos numa rocha, sombreados por pâmpanos, conduzem por um declive rápido às margens do lago, onde se erguem carvalhos sempre verdes, constantemente alegrados pelos cantos dos tordos...»

Mas êste realismo não o impede de sacrifi-

(1) Burckhardt — «La Civilisation en Italie au Temps de la Renaissance», tr. fr. de Schmitt, Paris, vol. 2.º pág. 16.

(2) Burckhardt, ob. cit., vol. 2.º, pág. 22.

car à antiga descrição mitológica, p. ex. «Já, pois, a aurora ou alva se levantava do açafroado leito de Titão seu marido e trazia o claro dia dos amantes desejado, e Apolo com os seus raios restitue a todas as coisas a sua côr e alegra o constante Euríalo (1).

Burckhardt ao estudar a poesia dos séculos XV e princípios do XVI, encontra provas numerosas da forte impressão do espectáculo da natureza nos poetas, mas não acha descrições propriamente ditas de grandes paisagens, porque a poesia lírica, a epopeia e a novela têm mais que fazer neste século de acção. «Bojardo e Ariosto (continua Burckhardt) fazem quadros da natureza que brilham pela nitidez, mas que são elementares quanto possível... porque êles querem interessar sobretudo pelas personagens e pelos factos» (2).

Onde encontraremos então as descrições cromáticas, picturais, que temos em vão buscado? Burckhardt envia-nos para os autores de diálogos e para os epistológrafos.

«Bandello, por exemplo, fica fiel por convicção às leis do género literário que cultiva; mesmo nas novelas não diz mais do que o estritamente necessário quando quer indicar o quadro das suas narrativas: pelo contrário, nas dedicatórias que precedem as suas novelas, des-

(1) Sívio Eneas — «Eurialo y Lucrecia, in Origines de la Novela, de Pelayo», tomo IV, pág. 113.

(2) Burckhardt, ob. cit., vol. 2.º, pág. 27.

creve muitas vezes, com complacência, a paisagem como fundo dos quadros onde pinta a vida social. Entre os epistológrafos, é preciso infelizmente citar Aretino como sendo aquele que, *talvez pela primeira vez*, pintou com uma grande riqueza de pormenores um magnífico efeito de sol poente » (1).

Notemos a data desta carta (1544), para ulteriores divagações, e verifiquemos que também Chateaubriand vira que a descrição de Petrarca, Ariosto e Tasso se elevou a um alto grau de perfeição, embora sem verdade. « Mas esta descrição é destituída de verdade. Consiste em alguns epítetos repetidos indefinidamente e sempre aplicados do mesmo modo. Não puderam sair *dum bosque denso*, *dum antro fresco*, ou *duma clara fonte*... Flora voltou com a sua corbelha e os eternos Zéfiro não deixaram de a acompanhar... Esta poesia descritiva, prossegue Chateaubriand, passou para França e foi favoravelmente acolhida por Ronsard, por Lemoine, por Coras, por Saint-Amand e pelos nossos velhos romancistas. Mas os grandes escritores do século de Luís XIV, enfasiados com estas pinturas em que não viam nenhuma verdade, baniram-nas da sua prosa e do seu verso, e é um dos caracteres distintivos das suas obras que quasi se não encontram nelas vestígios

(1) Burckhardt, ob. cit., pág. 27. Para a descrição citada, v. Aretino — « Lettere pittoriche: A. Ticiano, Maio, 1544.

daquilo a que chamamos poesia descritiva ⁽¹⁾. Em nota, Chateaubriand exceptua Fénelon, La Fontaine, Racine Filho, etc., e a prosa dos missionários. Muito haveria que dizer a propósito das descrições de Fénelon, por ex., mas como não importa directamente ao nosso assunto, continuemos.

Na Alemanha baldadamente se procuraria nos seus antigos escritores o estilo cromático de que vimos falando. Mesmo em Wolfran de Eschenbach apenas se encontrará a indicação vaga da scena em que se movem as suas personagens ⁽²⁾, e o sentimental Walter von der Vogelweide, apesar do seu enternecido lirismo, não nos dá os aspectos coloridos da natureza ⁽³⁾.

A primitiva literatura inglesa, posto que interessante, é de reduzidas pretensões artisticas ⁽⁴⁾. Mais rica depois de Chaucer, mas sem a descrição da grande paisagem, é um pouco tardiamente que Spenser, (1552-1599) Sidney, etc., introduzem a escola italiana e o seu processo descritivo.

E assim reconhecemos a verdade da afirmação já citada de Burckhardt, de que os italianos

(1) Chateaubriand — «Génie du Christianisme», ed. Fl., vol. 1.º, pág. 233-4.

(2) Burckhardt, ob. cit., 11, pág. 17.

(3) Gedichte von Walter von der Vogelweide, Halle a. d. S.

(4) Cf. Cook and Tinker — Selected Translations from old english poetry, Grim and Compay; e Brooke — «The History of Early English Literature».

iniciaram o estilo descritivo entre os modernos. Mas Burckhardt, Chateaubriand e Humboldt não deram, parece-nos, a importância que era devida à «Arcadia» de Sannazaro, de que geralmente se diz muito mal, mas que foi, a nosso vêr, uma das orígens do estilo descritivo que se espalliou pela Europa e a quem, por certo indirectamente, são devedores o próprio Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand e a sua incontável descendência. Hoje, a averiguação das fontes da «Arcadia» está feita depois dos trabalhos de Francesco Torraca e Michele Scherillo, e as mais importantes conclusões dêsses dois investigadores acham-se condensadas na grande obra «Orígenes de la Novela», do insigne Menéndez y Pelayo. Enquanto Scherillo atribui à «Arcadia» uma forte influência do «Ameto» de Boccacio, Torraca acha-a insignificante. Menéndez y Pelayo opina que, como os dois livros pertencem ao mesmo género, sem o «Ameto» não teria provavelmente existido a «Arcadia» «pois que Sannazaro carecia de imaginação novelesca e não o julgamos capaz de criar um tipo novo» (1).

Como quer que seja, um passo há na «Arcadia» que merece fixar a nossa atenção. É uma descrição do pôr do sol, anterior à de Aretino, pois que a «Arcadia» apareceu em 1504, e que vamos transcrever:

(1) Menéndez y Pelayo — «Orígenes de la Novela», Madrid, 1905, tomo 1.º, pág. CDXXIV e seguintes.

«Era già per lo tramontare del sole tucto l'occidente sparso di mille varietà di nuvolo; quali violati, quali ceruley, alguns sanguigni, altri tra giallo et nero, et tali sí relucenti per la repercussione di raggi, che de forbito e finissimo oro pareano...» (1)

Este trecho é notável pela sua riqueza de colorido e vai, como veremos, ser a origem, na prosa portuguesa, do estilo crômatico.

* * *

A literatura portuguesa até ao século XVI é geralmente pobre de efeitos de arte, mormente de efeitos de côr. Se num ou noutro passo de originais e traduções há referência à côr dum objecto, como p. ex. na «Côrte Imperial» onde se indicam com certa insistência as côres das pedras preciosas duma corôa, ou, na «Cronica Troyana» onde se faz a notação das sete côres que toma um véu maravilhoso, reconhece-se todavia que não existe nos autores a intenção de formarem um quadro, de rivalizarem com o pintor. Não se encontrará, outrossim, em Bernardim Ribeiro, em Cristóvão Falcão, em Sá de Miranda, nos escritores que escreveram as suas obras anteriormente a 1553 (2), êsse estilo que nos dá a policromia da paisagem ou dos accidentes do céu.

Não cremos que Bernardim dependa de San-

(1) «Arcadia» di Jocoço Sannazaro, di Michele Scherillo. Torino, 1888, pág. 72.

(2) Data da publicação do livro de Samuel Usque «Consolaçam às Tribulaçoens de Israel». Ferrara.

nazaro e muito menos que Samuel Usque dependa de Bernardim. Mas de Usque falaremos já. Quanto a Bernardim, se dependesse de San-nazaro, é de crer que se inspirasse no belo pôr de sol que acima transcrevemos, e que desse ao seu estilo um maior ritmo, semelhante ao da «Arcadia», pois que Bernardim sabia aproveitar os seus modelos, como se pode vêr da sua estranha expressão «o sol levantado até aos peitos», que descobri ser imitação do final do 2.º e do 3.º verso do terceto de Petrarca:

Vede l'Aurora del aurato letto
Rimanare á mortali il giorno, l'Sol
Gia fuor dell oceano infin al petto (1).

Descrições, tem-nas, e lindas, Bernardim Ribeiro; mas, como já notou Aubrey Bell, não há nenhuma «explicit indication of colour» (2).

O mesmo se poderia dizer dos nossos clássicos anteriores a Usque, salvo êrro da nossa parte, sempre possível, tanta a abundância de material a consultar.

* * *

É com Samuel Usque (3) que supomos ter

(1) Petrarca—«Trionfo della Morte», cap. II, terceto 60.

(2) Aubrey Bell—«Portuguese Literature, Oxford, 1922, pág. 134.

(3) Sôbre o pouco que se sabe da vida de Samuel Usque, consulte-se o prefácio e notas do benemérito edi-

aparecido pela primeira vez, com magnificência, o estilo pictural na literatura portuguesa. Imitação de Sannazaro, mas não plágio. Leia-se êste deslumbrante pôr de sol, maravilha de côr e de graça, surpresa das surpresas na prosa quiñentista, embaraçada e pesada:

« Já neste tempo o Sol, feita sua obra na fertil terra daquele seu particular hemisfério, se havia escondido debaixo das aguas do poente, e variando o céu de inflamadas núvens, umas louras da côr do puro ouro de Ofir, outras sangüíneas qual a fina escarlata e preciosos rubís, entre negras algumas, com longos raios, muitas como montanhas de neve ou branca lã escameada sobre verdoengas aguas do mar e à maneira de longas serras, algumas cinzeitas bordadas de ouro; com frescos ares e quietas sombras, deixava os altos montes e verdes campos numa delectosa temperança ... (1)

Aqui encontra-se a sensação pura, o cromatismo de Bernardim de Saint-Pierre, ou de Cha-

tor da « Consolaçam às Tribulaçoens de Israel, o ilustre Professor Sur. Dr. Mendes dos Remédios, bem como a sua « História da Literatura Portuguesa »; a Introdução de D. Carolina Michaëlis às obras de B. Ribeiro e C. Falcão; a « História da Literatura Clássica », do Dr. Fidelino de Figueiredo; « Da Literatura Sagrada dos Judeus », por António Ribeiro dos Santos, « in Memórias de Literatura da Academia » (2.º vol.); História dos Cristãos Novos, de Lúcio de Azevedo, etc. Para mais indicações bibliográficas, Dr. Mendes dos Remédios, ob. cit.

(1) Samuel Usque — « Consolaçam às Tribulaçoens de Israel », com revisão e prefácio do Dr. Mendes dos Remédios. Coimbra, vol. 1, 1906, f. IV verso e V. Como se trata apenas de crítica literária, modernizo um pouco a ortografia.

teaubriand, ou de Flaubert. E se de facto, como cremos, Samuel Usque introduziu êste estilo cromático na língua portuguesa, o seu papel é considerável—o dum iniciador dum género que ainda floresce, que é mesmo um dos maiores recursos dos artistas da prosa dos nossos dias. Prosador extraordinário foi, na verdade, Samuel Usque. Dissemos que um dos maiores recursos da prosa moderna é a côr que dá às suas descrições. Os outros são o ritmo e a notação da vida em flagrante. Pois Usque, inspirando-se sempre no *bom velho* Sannazaro, e excedendo-o, também introduziu na língua portuguesa o ritmo, que por vezes atinge surpreendentes efeitos, e conseguiu ainda a notação dos movimentos e da vida como os maiores artistas dos nossos dias.

Afirmações graves que precisam de justificação.

Todos conhecem as célebres páginas àcerca do ritmo na prosa, do livro de Guyau «L'Art au Point de Vue Sociologique» (1), dando-nos a análise de trechos de Zola, Flaubert, etc., sob o ponto de vista da sua estrutura rítmica. A prosa de Samuel Usque forneceria idênticamente abundantes seqüências de frases rítmicas, por vezes de versos perfeitos, chegando a ter séries de frases com a mesma medida (decassílabos), como por exemplo:

(1) Guyau — Ob. cit. V. também G. Saintsbury — «A History of English Prose Rhythm». Londres, 1912, e Lanson — «L'art de la Prose», já cit.

Não passes adeante com teu planto.
Cessa já oh Israel de lamentar-te,
Quiçaes desatinado com a dor,
Não toques mais co'a lingua no vedado
Que contra o céu não tens que te queixar (1)

O decassílabo abunda, ora com acento na 6.^a ora na 4.^a e 8.^a. Mas, o que mais surpreende, é encontrarem-se alexandrinos, algumas vezes frouxos, mas outras perfeitos, versos só muito recentemente usados pelos nossos poetas.

Exemplos duns e doutros, indistintamente:

E tu guerreira, sábia e temperada Europa (2)

Umás louras da côr do puro ouro de Ofir (3)
Oh filhas minhas mais que o puro leite brancas
sobello claro sai formosas e alegres (4)

Pisaram com os pés as vírgens de Israel (5)

Sentiam um fresco ar que com suave ruído (6)

Tornei a idolatrar no ídolo Baal (7)

Oh amados meus não volteis atrás os olhos
que vendo o que deixais mais máguas levareis (8)

(1) S. Usque, ob. cit., vol. I, f. LI.

(2) Id., 1.^a p. f. I.

(3) Id., 1.^a p. f. V.

(4) Id., 1.^a p. f. L, v.

(5) Id., 1.^a p. f. XX, v.

(6) Id., 1.^a p. f. IV, v.

(7) Id., 1.^a p. f. XXIV, v.

(8) Id., 1.^a p. f. XXXII, v.

E docemente as mais altas ramas brandindo (1)

Co'a barba no ar saia o ligeiro veado

Viam de longe a real e delicada garça (2)

A quem se apparecera o leão com asas de águia (3)

E a outra temerosa e feroz alimária (4)

Assi que carne sã de ti não foi talhada (5)

Mas; oh triste de mim que clamo piedade
Oh meu desviador, quam soffreado me tens. (6)

Insistimos, sem contudo esgotar os exemplos, para mostrar que não é por acaso que tantos versos apparecem. Além da influencia de Sannazaro, possuia o illustre judeu um notável sentido do ritmo, que é um dos imprescindíveis requisitos do moderno prosador de arte.

Mas ainda a côr e o ritmo não são os únicos altíssimos predicados do extraordinário hebreu. Há notações de movimento e de vida felicíssimas, verdadeiros instantâneos, que só um grande artista pode obter.

Ali os piquenos e tenros cordeiros de poucos dias antes nascidos arremetiam às chéas tetas das piadosas

(1) Id., 1.^a p. f. IV, v.

(2) Id., 1.^a p., f. VI, v.

(3) Id., 1.^a p., f. L, v.

(4) Id., ib d.

(5) Id., 1.^a p., f. LI.

(6) Id., 1.^a p., XXXVIII, v.

madres apressurosamente mamando, com aquele gosto e sabor que quasi parecia lhe quererem as longas mamas arrancar» (1).

Vejamos um nebri perseguindo uma garça:

... humana e piadosamente (a garça) se queixava... e após eia o intigo sempre subindo e sujigando-a, asperamente a tornava a ferir: de tal maneira aqui ligeiramente saindo e ali manhosamente acometendo, a ia com suas longas e agudas unhas contino acutilando; que muitas vezes os pedaços da vencida e cansada garça, vinham abaixo; e de suas pombinhas penas (ainda uma notação de côr) *umas por aqueles claros e frescos ares andavam vagando; outras, sobre a verdura, aqui e ali, espalhando-se, desciam* (2).

E como êstes, muitos trechos, sobretudo da pastoral do primeiro diálogo.

Um exemplo de prosa cortada que faz lembrar Vieira:

... Vi entrar em Yerusalaim aquela Águia romana nas mãos do fero Tito, desatando as azas, ensangüentando o bico, estragando bosques de humanas criaturas, inglutindo carnes, chupando sangues e espedaçando membro a membro, milhões de corpos de sacerdotes... (3)

Já várias vezes falámos na influência de Sannazaro sôbre Usque, e é ocasião agora de o provarmos.

(1) Id., 1.^a p., f. IV.

(2) Id., 1.^a p., f. VII. Note-se também o ritmo imitativo da queda lenta das penas.

(3) Usque, ob. cit., 1.^a parte, f. XX.

Parece-nos, com efeito, que a pastoral da 1.^a parte depende quasi unicamente do autor da «Arcadia». Já vimos o pôr de sol de Sannazaro inspirar o de Usque. Basta o leitor comparar. (Veremos mais adiante um português Fernão Alvares do Oriente imitar igualmente o mesmo pôr de sol de Sannazaro). Mas há mais passagens em que a influência da «Arcadia» é tão evidente, que supomos que não ficarão dúvidas.

Comparemos.

Trata-se do regresso dos pastores.

Diz Usque:

... reservando novos jogos de passo em passo, iam tirando com as fundas a algum alvo, e quem mais perto com o duro seixo lhe chegava, todos os outros com bater de palmas e alegre grita o levavam às costas té um signal (1).

Agora Sannazaro:

... tirammo ad un certo segno; al quale chi piú si avvicitava, era, siccome vincitore, per alquanto spacio portato in su le spalle di coluy che perdeva. Ad cui tutti con lieti gridi andammo applaudendo d'intorno... (2)

Outro exemplo:

Em Usque:

E deixando êste jogo, ora saltando, ora tirando a barra e lutando, ao vencedor coroavam com capelas de

(1) Usque, *Id.*, 1.^a p., f. V.

(2) *Arcadia*, *id.*, p. 74.

verde louro, tangendo-lhe com suas gaitas e rabecas em sinal de vitória » (1)

Vejamos em Sannazaro:

... ora provandone ad saltare ora ad dardegiare con li pastorali bastoni, et ora legierissimi ad correre per le spiegate campagne, ove qualunche per velocitá primo la designata meta tochava era di fronde di pallidi olivi honevolmente a suon di sampognia coronado per guiderdone (2).

Em Samuel Usque:

«... Viam as ovelhinhas, umas em prado chão as verdes e miudas ervas suavemente pascendo; outras, subindo em lugares ásperos, se dependuravam a roer algum novo arvorezinho que então tenro se levantava da terra; outra se empinava para alcançar um ramo de figueira; qual mordendo os tenros gomos das parreirinhas bravas, qual tascando a penca do selvático cardo... muitas outras, já contentes do pasto, bebendo nos claros ribeiros, se alegravam verem-se no fundo como vivas... » (3)

Em Sannazaro lê-se;

«... ma le pecore e le capre, che piu de pasciere, che di riposare erano vaghe, cominciarono ad andarsi appiando per luochi inaccessibili et ardui del selvatico monte, quale pasciendo un rubo, quale un arboscioello che allora tenero spoutava déla terra; alguna se alzava per preudere un ramo di salcie, altra andava rodeudo le tenere cime di querciole, e di cerrecti; molte

(1) Usque. id., 1.^a pág, f. V.

(2) Arcadia, id., pág. 74.

(3) Usque, ob. cit., 1.^a parte, f. IV.

bevendo por le chiare fontane, si allegravano di vedersi spechiate dentro di quelle...» (1)

E para terminar, ainda em Usque e em Sannazaro:

«... E acabando com grandissimo deleite depois de muitos jogos sendo grande parte da noite passada... (como emborrachados) dormindo se caiam» (2).

«... ove doppo molto giuocure, essendo gran pezza dela nocte passata, quasi stanchi di piacere, concedemmo ale exercitate membra riposo» (3).

E o paralelo levava-se mais longe ainda. Não foi Bernardim Ribeiro com os seus jogos de pastores, etc., o inspirador de Samuel Usque, como recentemente se disse. Vemos que o foi Sannazaro, no tom geral do estilo (da pastoral), no ritmo, na côr e até nas scenas pastoris.

Como temos em outro estudo de voltar a assunto idêntico, para êle reservamos mais ampla documentação dêste ponto, que é fundamental para certos problemas da literatura portuguesa.

* * *

Falamos nos seguidores de Usque. Que saibamos, apenas o Snr. José Benoliel notou uma possível influência de Usque em Camões, e é inegável que a aproximação de vários passos

(1) Arcadia, id., pág. 83.

(2) Usque, ob. cit., parte 1.ª, f. V. verso

(3) Arcadia, id., pág. 75.

dos Lusíados com outros da «Consolaçam», é impressionante; mas influência mais evidente é, quanto a nós, a que o ilustre Usque exerceu em Fernão Alvares do Oriente.

O autor da «Lusitânia Transformada» imitou a «Arcadia» por vezes abusivamente. A descrição do ocaso, de Sannazaro que aqui já transcrevemos, e que inspirou a de Usque, também aqui reproduzida, é imitada por Alvares do Oriente nestes termos:

Estava já, por ser o Sol transposto, o Oriente todo esparzido de mil variedades de nuvens, umas roxas, outras sauguíneas e outras que entre amarelo e negro compunham uma côr desusada cà na terra: e todas juntas representavam o arco do Céu, e feridas do Sol pela reflexão dos raios, pareciam de ouro finíssimo bordadas (1).

Certas passagens da vida pastoril e estilo, tanto podem ter a sua origem em Sannazaro, como em Samuel Usque, mas o que, para nós, marca a influência de Usque no conspecto da obra, é a forma como caracteriza a inquisição.

Diz Fernão Alvares:

Da parte da vossa Hespanha foi ter naquele tempo ao nosso Oriente um *monstro fero*, que a todos os que a idade viu no mundo fazia vantagem na crueldade e na bruteza... (2)

(1) Fernão Alvaro do Oriente—«Lusitânia Transformada», 1771, pág. 95.

(2) Fernão A. do Oriente, ob. cit., pág. 210.

Ora também Usque, referindo-se à inquisição, a personifica num monstro horrível:

... fizeram vir de Roma um *fero monstro* de forma tão estranha e tão espantosa catadura que só de sua fama toda a Europa treme... (1)

Êste dado e as semelhanças gerais de estilos, permitem-nos considerar Sannazaro e Usque como os mais directos inspiradores da «Lusitânia Transformada».

* * *

Para as fontes hebraicas de Samuel Usque, de mínima importância para a pastoral do 1.º diálogo, limitar-nos hemos a enviar o leitor às eruditas notas do ilustre editor da «Consolação às Tribulações de Israel», Snr. Dr. Mendes dos Remédios. Tão somente quisemos neste perfunctório estudo mostrar que a iniciação do estilo pictural na literatura portuguesa se deve a Samuel Usque, que se inspirou directamente em Sannazaro.

2/3/925.

(1) Samuel Usque, ob. cit., III, p. f. XXVI.

O DOMINIO PRAGMATISTA

Águia, N.º 40, 2.ª Série, 1915

As doutrinas pragmatistas de Peirce, Schiller, Dewey e James deram, quando vulgarizadas, a impressão de mero acrobatismo mental, de engenhosa sofística semelhante à d'esses subtis gregos, e uma legião de críticos, de filósofos e sábios tentou assinalar as suas incongruências, entretanto que decididos partidários surgiam, defendendo com ardor a nova filosofia.

Novo, a bem dizer, não seria o pragmatismo. Procurando bem, encontrar-se hiam na história da filosofia antecedentes iniludíveis, expressões dum alcance utilitário idênticas às de James; e tudo isso foi feito, e com a maior paciência e competência, por Alfredo Fouillée, (*La pensée e les Nouvelles écoles anti-intellectualistes*), Albert Schinz (*Anti-Pragmatisme*), René Berthelot (*Un romantisme Utilitaire—Poincaré e Bergson*), etc., etc. Esses antecedentes provavam que não se tratava dum simples capricho de intelectuais desocupados, que, pelo contrário, o pragmatismo respondia a graves problemas que, no decorrer dos séculos, tinham inquietado os espíritos. E hoje, que as atenções convergiram para as dúvidas postas em destaque por James e sua escola, é-se for-

çado a reconhecer o alto serviço prestado ao pensamento pelo pragmatismo, vindo acordar a muitos do sono dogmático que periódicamente assalta a humanidade pensante.

Muitos erros se dissiparam á luz das novas doutrinas; mas, para nós, europeus, o que mais forte abalo produziu ainda, foram os extraordinários livros de Poincaré, cuja crítica aos princípios da geometria e da mecânica constitue um dos mais belos monumentos da filosofia contemporânea, dos físicos filósofos Duhem e Mach, e os tres volumes de Bergson — «Dados imediatos de Consciência», «Matéria e Memória» e «Evolução Creadora». As doutrinas desses eminentes homens eram parcialmente pragmatistas, restringiam o criterio pragmático da verdade a certos domínios; no entanto, a soma desses pragmatismos parciais impunha-se, e Le Roy operou-a, com excessos, sem dúvida, porém com uma admirável virtuosidade, seguindo a irresistível tendência generalizadora do nosso espírito.

Não pensamos, sequer, neste breve artigo, fazer uma exposição do pragmatismo (1) ou antes, dos pragmatismos que hoje concorrem. Retenhamos tão somente, para illustração do que segue, uma das teses favoritas do pragmatismo de James, que vem a ser: «O método pragmático é, principalmente, um método que permite

(1) V. James — «Le pragmatisme»; Schiller «Etudes sur l'Humanisme»; Boutroux — «Science et Religion»; René Berthelot — «Un Romantisme Utilitaire», 2 vol.; Paul Gaultier — La pensée Contemporaine (Hachette).

resolver controvérsias metafísicas, que, doutro modo, poderiam ficar intermináveis. O mundo é uno ou múltiplo? Só admite a fatalidade, ou admite a liberdade? É material ou espiritual? Eis concepções que se podem achar verdadeiras ou falsas, e sobre as quais ficam sempre em aberto os debates. Em igual caso, o método pragmatista consiste em tentar interpretar cada concepção segundo as suas consequências práticas. Eis aqui como o pragmatismo põe o problema: sendo verdadeira tal concepção e não tal outra, que diferença resultaria daí para nós? Não se vendo nenhuma diferença prática, concluir-se há que as duas alternativas vêm a dar a mesma coisa, e que toda a discussão seria vã (1).» Parece, como se vê, encontrar nesta passagem uma restrição ao pragmatismo, que só se aplicaria ás controvérsias metafísicas; e, sendo assim, o escândalo produzido não se explicaria. Mas as *nuances* acumulam-se, a precisão esbate-se, e estamos em risco de correr as aventuras sucedidas a Le Dantec, tão espiritualmente contadas no seu livro «Contre la Métaphysique». Por exemplo, leia-se a seguinte passagem: «Direi pois, para resumir: O *verdadeiro* consiste simplesmente no que é vantajoso para o nosso pensamento, da mesma forma que o *justo* consiste unicamente no que é vantajoso para a nossa conducta (2).»

Esta definição é mais grave, pelo menos

(1) James — «Le Pragmatisme», pág. 56.

(2) Id., pág. 203.

aparentemente, pois que o primeiro trecho citado já a continha, E esta definição repete-se em muitas páginas do livro, o que desvia a ideia de inadvertência ou de extrema concisão.

Assim, dum modo geral, tudo o que fôr cómodo, no sentido largo da palavra, próxima ou remotamente útil, e de acôrdo com outras comodidades de pensamento, é verdadeiro. É contra esta conclusão que se insurgem todos, e é este ponto que nos convém examinar, e que motiva, mesmo, este artigo.

Várias causas podiam dar origem à noção de pragmatismo. Uma delas, um desejo prático de apologética. Pois que há um vácuo no espírito do ateu, que a vida, sem o apoio do além, pode ser descolorida e sem interêsse, não será melhor acreditarmos num Deus bom, etc.? E as relações da crença com a vontade já muito preocuparam Descartes e Pascal, como os leitores sabem.

O pragmatismo, que muito se poderia desenvolver com o conspecto político, aparece irresistivelmente com a reflexão sobre as invenções scientificas e industriais. Sem dúvida que a evolução industrial muito contribuiu, com o problema religioso, para a gênese das ideias do sabio professor da Universidade de Harvard. Na industrial America a atenção é fatalmente dirigida para as contingências da indústria. E o que póde ser verdade na indústria? Entre duas ou mais máquinas, destinadas ao mesmo effeito, qual escolher? Evidentemente a que fôr mais cómoda, quer dizer, a mais perfeita, mais económica, mais

rápida, etc. Em todas as coisas da indústria é este o critério da escolha. Não se pergunta— Qual é o utensílio mais verdadeiro? A verdade, na indústria, não tem sentido. Segue-se o critério da utilidade. Não há uma realidade preexistente a que o pensamento se tenha de acomodar. E assim com todas as invenções, que deveremos distinguir das descobertas.

Poincaré mostrou, na esteira de Riemann, Lobatschewsky e Lie a possibilidade de geometrias não euclidianas, e que se prefere tão somente a concepção do espaço euclidiano pela sua conformidade com os nossos hábitos mentais, isto é, pela sua comodidade; e, da mesma forma, mostrou o arbitrário dos princípios gerais da mecânica. Eis origens diversas que poderiam criar o pragmatismo. E, como quer que seja, o pragmatismo existe, num corpo cerrado de doutrina, conquistando cada vez mais terreno, e digamos, certas das suas afirmações estão de tal modo de harmonia com os nossos hábitos mentais, que um seu ilustre adversário, Alberto Schinz, procurando refutá-lo, emprega precisamente a sua lógica, pois que, em certo passo, o combate com argumentos morais.

«Nós estamos bem certos, diz Schinz, que, com James, o pragmatismo só terá altas e generosas aspirações. De resto, os que se comprazem na prática duma filosofia baixa e vil, não são, na maior parte dos casos, os que se entreteem a escrever discussões das suas doutrinas. Mas não é menos certo, e pode-se opôr ao pragmatismo, que não se vê nele princípio que empeça

a priori um «temperamento» baixo, de fazer valer, com plenos direitos, um pragmatismo inferior. O pragmatismo está um pouco no mesmo caso, sob este ponto de vista, do epicurismo, que, manejado por um Epicuro ou um Lucrécio nada tem de nocivo, ou do utilitarismo, que se torna nobre e delicado sob a pena de Stuart Mill, mas de que outros podem fazer uso diferente (4).

É afinal, como o leitor vê, o argumento pragmatista virado contra o próprio pragmatismo.

Ora o pragmatismo, assim formidável, forçando os seus adversários a empregarem o seu método, poderá efectivamente aplicar-se a todos os problemas que se ponham, ou sómente aos problemas metafísicos ou industriais, ou políticos, etc.?

Numa palavra, qual é o domínio pragmatista?

Não sabemos que esta questão tenha sido posta. Quando diziam a James que a realidade não se presta aos decretos do pensamento, o chorado professor perdia a serenidade, falava em calúnias, sem contudo fazer a demarcação do campo pragmatista, ou então referia-se vagamente ao acordo que era forçoso haver entre as diferentes comodidades do espírito e da lógica dessas comodidades. E muitas vezes se poderá surpreender, talvez por traição da sua linguagem, um recurso ao critério intelectualista. Parece-nos que, dum modo geral, se pode fazer essa demar-

(4) A. Schinz — «Anti-Pragmatisme», pág. 71.

cação, que ainda não foi feita. Serão as diferentes soluções que recebem os problemas da matemática, que nos hão de guiar nas restricções a fazer ao pragmatismo.

Que diríamos duma doutrina que apparecesse entre os matemáticos, afirmando que entre as soluções dos diferentes problemas, se deveriam escolher as mais cómodas, ou as mais belas, visto como muitos problemas admitem várias soluções, todas ellas verdadeiras, e, portanto, que o único critério a seguir seria esse e não outro? Parece que, em vez duma estéril discussão, se deveriam estudar as condições dos diferentes problemas, fazer a sua discussão, que, na hipótese, nunca até então teria sido feita. Assim chegar-se hia, mercê do resultado da discussão dos problemas, como hoje se sabe, a que eles podem receber, segundo a sua natureza, tres ordens de soluções — determinadas, indeterminadas, e impossíveis. E a controvérsia cessaria. Ninguém affirmaria que os problemas podem receber indifferentemente esta ou aquella solução, que é o gosto que escolhe ou que decreta, mas sim que há problemas que só admitem uma única solução, outros que podem receber várias (sendo então possível a escolha, segundo qualquer critério, dentro destas soluções) e que, finalmente, outros, por dados absurdos, são de solução impossível. As confusões intrínsecas teriam desaparecido: só restariam questões de minúcia, de aplicação. Ora as relações matemáticas não são coisas quiméricas; Leibniz pretendia até que encerrassem verdades eternas, pelas quais se regulariam os

fenómenos da natureza (1). Não é lícito supôr-se que o que se dá com os problemas e equações das matemáticas se dê também com os 'outros? Evidentemente. E assim podemos estabelecer que, onde os problemas oferecem uma solução única, o pragmatismo é absurdo. A solução única impõe-se, é irremovível, decisiva. É o caso da maior parte das sciências. Este corpo combina-se ou não se combina com aquele; o ponto de fusão de certo metal em dadas condições é a tantos graus, a órbita dos planetas é determinada curva e a revolução de cada um dêles gasta tal ou tal tempo: D. Afonso Henriques nasceu a tantos de certo ano; Paris fica a um certo número de quilómetros de Lisboa, em linha recta; etc. Nada disto é decretado pelo espírito. Há uma solução única, e o espírito comporta-se como paciente, não como agente.

Outros problemas, idênticamente aos da matemática, apresentam soluções indeterminadas, geralmente por falta de dados, indeterminação que vai decrescendo pela contribuição das sciências que atingem relações fixas.

Neste caso, enquanto a indeterminação se mantiver, a escolha duma solução, para as necessidades de acção, será feita *dentro das soluções possíveis*, em harmonia com um certo ponto de vista, naturalmente utilitário. Tais, os problemas da indústria; tais, com restricções, porém,

(1) Brunschvicg — «Les Étapes de la Philosophie Mathématique», pág. 232.

que tornariam demasiado longo êste artigo, os da metafísica, da sociologia, da moral...

Nestes problemas indeterminados é que o pragmatismo domina, por uma espécie de arrendamento a longo prazo. A sua acção acabará se se chegarem a determinar.

Não falaremos dos problemas de solução impossível, pois que nem ao intelectualismo nem ao pragmatismo interessam sob êste ponto de vista.

Matozinhos, 14-4-14.

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO

(BRUNO)

Agulha, n.º 45, 2.ª série, 1915

AQUELES que superficialmente conheceram as obras de Sampaio (Bruno), formavam a ideia de que se tratava dum polígrafo de grande erudição, dum espírito que entesourava conhecimentos com o prazer do avarento, mas não suspeitavam, creio bem, que José Sampaio fosse um dos mais vigorosos pensadores portugueses, ordenando todo o seu saber numa formidável unidade. Tudo se adunava, com efeito, naquele poderoso cérebro,—subordinando-se às suas especulações metafísicas,—desde a sua maneira crítica até às suas teorias acerca do *habitat* do homem primitivo. Os seus livros (excepto os primeiros) eram propositadamente abstrusos, recendo, dizia, que «pela linha chegassem ao novelo», e alguns anteriores à «Idêa de Deus», como o «Encoberto» e «Brazil Mental», apresentavam enigmas que só o aparecimento da sua obra-prima veio, em parte, solucionar. Por seu turno êsse livro dependia doutros que tencionava publicar, como fossem o «Plano dum livro a fazer», a «Teoria Nova da Antiquidade» e ainda outro de síntese geral.

Porquê todo êste recato? Porque não dava um resumo do seu pensamento, formando como que o quadro onde se viriam dispôr os seus consequentes trabalhos?

Várias causas explicam o facto. Em primeiro lugar, receava o plagiato. Iria, sucintamente, levantar muitas questões não suspeitadas, que forneceriam a *deixa* a fáceis explicações. Reconhecia, porém, que êste sistema tinha um inconveniente—que outros, independentemente, poderiam chegar a concepções a que êle já há muito tinha chegado, como se deu com o caso de Cristóvão Falcão. Outro motivo era a sua excessiva timidez, que foi até, como é bem sabido, a causa da sua morte, pois que «por uma viciosa vergonha», como dizia, foi adiando o tratamento da doença, a princípo banal, que o vitimou. A sua timidez fazia-o recear excessivamente a crítica. Só queria apresentar o resultado final das suas meditações depois de bem amadurecidas, com provas seguríssimas, num encadeamento irrepreensível. O medo de ter mudar de idéas, perseguia-o. O repúdio da sua «Análise da Crença Cristã», que a consciência lhe impunha, causou-lhe horas de agonia. Assim, reservava para o fim da vida a exposição completa das suas idéas, quando já não tivesse tempo de mudar de opinião e a documentação tivesse atingido o seu máximo.

E para êsse fim estudava infatigavelmente, de dia e de noite, em todas as circunstâncias da vida. A sua curiosidade era universal e insaciável: filosofia, sciências, artes, gramáticas, velhos afarrá-

bios, manuscritos poeirentos, romances, jornais, o movimento contemporâneo de livraria em Portugal, tudo êle lia ou, pelo menos «passava pela vista», segundo a sua expressão. De ordinário lia para verificar as suas hipóteses, tinha um objecto bem definido, e assim, os conhecimentos que adquiria, ligados a um fim, conservavam-se admiravelmente. E de passagem notemos quanto êste facto é desprezado em pedagogia.

Ainda derivado da sua timidez, é o êle não querer afrontar o escândalo de apresentar o seu pensamento em toda a sua nudez. Porque Bruno era essencialmente um místico. Tinha revelações, resava. É certo que em «A Idêa de Deus» o deixa entrever; mas com que precauções, a escape, necessitado por um dever sobrenatural! Dizia êle:

«A quarta conclusão é muitíssimo grave, atentos os prejuizos materialistas que se tornaram o nosso temperamento crítico. Sem embargo a lógica impõe-na; e há que ter a coragem de arrostar com a irreflexão mofante. É um dever áspero de cumprir só para aquele que se aterra perante o mexerico da alheia opinião. Esta não passa da reprodução sem personalidade das doutrinas assentes para o grande número.» (A êle mesmo se queria animar!). «A quarta conclusão é que a predeterminação do Universo é conhecida por seres espirituais superiores a nós e existindo fora de nós, mas que, quando o queiram ou lhes seja cometido, no-la podem comunicar, fazendo-nos conhecer com antecedência o—necessitado e libertado—futuro pelo que toca, restric-

tamente, a certo ou certos dos episódios constitutivos dêsse porvir. Logo, a angelogia é intuição positiva e a profecia é realidade anómala» (Id. de Deus, pag. 174). A pag. 465, conclusão de certa passagem: «Agora compreende-se a Providência e o milagre passa a ser racional, como a oração se antolha que resulte eficaz. A oração é a aspiração do espírito alterado para o espírito puro; subordina-se a uma lei transcendente de atracção. O milagre é a emanção que impulsiona o espírito alterado a avançar na libertação.» etc., etc.

Há perigo em resumir, para o nosso público, em demasia simplista, a obra dum metafísico. O mesmo embaraço que assaltava o grande pensador, se apodera de nós. Além da tremenda responsabilidade da interpretação, existe a possibilidade de, apresentadas secamente, claramente, certas concepções parecerem pueris. Porque de facto o sejam? Não, as especulações de José Sampaio são perturbadoramente profundas, visam à solução dos mais terríveis problemas do ser; mas, mesmo por tal motivo, chocarão a frivolidade nacional. A convite da «Renascença Portuguesa», na qualidade de amigo íntimo do morto, abalançámo-nos a escrever êste pequeno artigo, no qual quereríamos especialmente frisar que a sua actividade não era dispersiva, que, ela toda, convergia para o mais alto fim que se pôde tentar—a explicação do universo.

Os dois polos da filosofia são a existência ou a não existência de Deus. Todos os aspectos que possam oferecer as diferentes épocas e as

diferentes escolas filosóficas são uma função da afirmação ou negação dum princípio supremo, consciente e bom. Se se envereda pela afirmação, surge um problema decisivo—Como conciliar a existência de Deus com o mal que há no mundo? É o chamado problema do mal. Se é pela negação que se vota, aparece o problema complementar—Como conciliar a harmonia, a ordem, o bem que há no mundo, com o acaso? Chame-mos-lhe o problema do bem.

Ora Sampaio (Bruno) que na sua mocidade se inclinára para o ateísmo (Análise da Crença Cristã) veio, pela reflexão e até por factos que pretendia serem revelações (Id. de Deus, pág. 146 e pág. 148 e seg.) a crer em Deus. E o inevitável problema do mal acudiu instante, terrível, ao seu espírito admiravelmente lógico. Era legítima a sua crença em Deus? O que sabemos nós? O facto é que creu, e procurou resolver o problema da contradição entre a bondade de Deus e a existência do mal, ao mesmo tempo que tentava compreender o mundo e o próprio Deus.

O problema do mal tem seduzido todos os filósofos. Lembremos que os mais altos espíritos o têm estudado, e que as soluções, mais ou menos engenhosas, são inúmeras. Supondo conhecida de todos a solução cristã; a dos dois princípios—Deus e Satan e a de Leibniz, recordemos a de Aristóteles, que sanára as dificuldades asseverando que Deus não conhecia o mundo; que o aspecto de tanta dôr perturbaria a felicidade do acto puro. A matéria é que, deslumbrada pelo esplendor de Deus, para êle tende, e assim Deus

faz mover a matéria pelo desejo de dêle se aproximar. Deus cria sem o saber, é um motor imóvel.

Dificuldades que não relatarei prejudicaram esta concepção. Passando em claro as hipóteses dos gnósticos e dos alexandrinos, que sem dúvida influenciaram mais de um pensador moderno, não nos demorando no estranho pensamento de Stuart Mill—Deus não onnipotente—, vamos encontrar nos grandes metafísicos Ravaisson, no suíço Secretan e em Schelling, algumas concepções que se aproximam das do filósofo português. Secretan pensava que Deus, para crear, limita voluntariamente a sua liberdade, produz como que um vácuo, onde tomou lugar a creatura (*se ipsum exinanivit*).

Ravaisson apelava para um repouso, um sono de Deus. «Se o melhor está no princípio, pergunta a si mesmo Ravaisson, como compreender que Deus não fique só?» E responde. «É que Deus, não é só um princípio de movimento. Também o é de repouso. Deus sendo senhor da sua própria existência, de que é causa, pode em si produzir, se lhe aprouver, um repouso, uma suspensão que é o mundo. Assim como está em nosso poder suspender à vontade o exercício da nossa actividade e como êste poder pertence a todas as forças naturais, como provam o sono e os outros períodos de repouso, assim e com maior força de razão pertence a Deus abandonar, pelo menos por algum tempo, alguma coisa da sua plenitude.» (Fouillée)

Com Schelling vamos chegar ao mais pró-

ximo, ao quási coincidente pensamento com a filosofia de Bruno, razão por que o citamos em último lugar. Faguet pôde assim resumir a parte que nos interessa das concepções de Shelling: «Em face dêste mundo (a natureza e o homem) há um outro mundo que é Deus. Deus é o infinito e o perfeito e, particularmente, a vontade perfeita e infinita. O mundo que conhecemos é uma degradação dêle, sem que nós, de resto, possamos conceber como o perfeito se possa degradar e como uma emanação do perfeito possa ser imperfeita, e como o não-ser possa sair do ser, pois que, relativamente ao infinito, o finito não existe, e, relativamente ao perfeito, o imperfeito é nada. Parece contudo que assim seja, e que o mundo seja uma emanação de Deus em que êle se degrada e uma degradação de Deus tal que se opõe a êle como o nada ao todo.»

Bruno não conhecia com precisão, disse-me, esta doutrina de Schelling, embora tivesse lido algumas das suas obras e mesmo o citasse várias vezes. Outras causas o fizeram chegar de per si a análogo conceito, que, aliás, se afasta em muitos pontos fundamentais do do pensador alemão.

É tempo de expômos a ideia de Deus do nosso saudoso amigo. São suas estas palavras: «No princípio era a Perfeição, o espírito homogêneo e puro. No segundo momento, mercê do efeito dum mistério, temos o espírito diminuído e a seu par a diferença que o tornou heterogêneo. Assim, três são os instantes supremos do cresci-

mento. Um: é o espírito homogêneo e puro, que foi e há de voltar a ser. Eis o ponto de partida e eis o ponto de chegada. Outro; é o espírito puro mas diminuído actualmente, pelo destaque separativo do universo. Enfim, o outro ainda: é esse universo, que aspira a regressar ao homogêneo inicial.

«Nós não podemos compreender como foi esse mistério da diferenciação de parte do espírito puro. Porém, que êle dado se houvesse é necessário; para que um tanto inteligível o enigma universal nos seja, ainda que em seu limiar, acessível». (Id. de Deus, pág. 460).

«Nem Deus é indiferente à nossa dôr nem a sua maldade possível nos alucina. Êle não gosa duma plena felicidade egoísta; também êle sofre da diminuição do espírito puro e do mal da creatura, espírito alterado, ascendendo na sua convergência do regresso. (Id. de Deus, pág. 466)

O fim do homem é ajudar a evolução da Natureza, na frase de Novalis. Mas como? Trabalhando para saber, afim de poder. E podendo, cumpre-lhe esquecer-se, não acreditando que a decifração do mistério é para satisfação da sua curiosidade, ou para seu maior prazer. O homem tem de dar conta do supremo dever que lhe incumbe, o dever para com a natureza inteira. Libertando-se a si, libertando os seus irmãos, êle contribuiu já para a libertação do Universo. (pág. 470).

Um Budha «experimentalista e dialético», triste e subtil, virá demonstrar a verdade. E esse

Paracleto, êsse consolador, bradará aos homens: «Explicar-vos-hei Deus na sua plenitude. Explicar-vos-hei a criação do mundo e a dos homens, a origem do mal, a salvação das almas e o fim da matéria (pág. 482).

Nessa hora inefável não se cuidará que o mundo seja tanto mais desgraçado quanto mais se aproxima do termo da sua evolução. O termo da evolução será não o inconsciente, como pretendia Hartmann, mas sim a Consciência.

Êsse Paracleto, êsse consolador e revelador que aos homens desvendará todas as minudências da verdade, dar-nos há a chave, como veremos, da matéria do seu livro em preparação «Plano dum livro a fazer».

A idéa de o homem auxiliar a evolução da natureza do espírito, tem quaisquer analogias com um dos temas favoritos de Eucken, o genial metafísico alemão.

O homem é, segundo Eucken, o maior colaborador na realização espontânea da vida do espírito. A vida humana é uma «cocreação (Mitschaffen). É libertando-se da sua natureza puramente humana, da sua animalidade, que o homem se torna capaz duma acção creadora. É por grandes sacrificios, vencendo o seu amor-próprio, que pode participar da evolução, do estabelecimento dum regime de razão e de amor». (J. Benzubi), Analogias mais remotas poderiam ser assinaladas com as obras de Bergson, o filósofo da Duração real e com Boutroux, o filósofo da Contingência. Ainda lembramos ao leitor curioso a consulta do belo livro de Leonardo Coimbra — *O Criacionismo*,

onde encontrará uma admirável crítica da filosofia do ilustre portuense.

* * *

Depois dêste rápido esboço, cumpre dar uma idéa de como os fragmentos publicados no *Janeiro* e na *Águia* do «Plano dum livro a fazer» se integram nas concepções expostas.

Quem lêr com atenção «O Encoberto» encontrará passos incompreensíveis, e, sobretudo, estranhará o remate do livro.

Na verdade, José Sampaio, conseqüente com a sua filosofia, admitia as profecias, as revelações. Houve sempre, cria êle, homens inspirados a quem foi revelada a directriz dos acontecimentos, em luta com os amantes das comodidades da vida; com o catolicismo que não compreendeu a beleza e profundeza do cristianismo; com a inquisição; com os grandes da terra. As profecias eram comunicadas a medo, enigmaticamente; seitas secretas formaram-se, com o fim de os seus membros entre si comunicarem, e misteriosamente, cabalisticamente, espalharem as verdades divinas. Essas seitas eram consideradas heréticas pela ortodoxia. Já em «O Encoberto» há larga referência a essas heresias, e tenta-se discriminar a noção de sebastianismo da de messianismo. Bandarra, o inspirado sapateiro de Trancoso, prediz que o heroe, o Paracleto

Tirá toda a erronia,
Fará Paz em todo o mundo.

Tal a doutrina. As explicações encadeavam-se logicamente, e por mais extravagantes que pareçam isoladamente conhecidas, tornam-se harmônicas e lógicas quando filiadas nos princípios. Esses princípios são também a chave de livros que ficaram propositadamente incompletos, deliberadamente abstrusos, como «O Encoberto,» p. ex.

Desde que se admita com Bruno a profecia, a revelação, um Deus que pretende a sua passada plenitude, lógico se torna que êle comunique aos homens os meios da salvação; e que esses meios, em conflito com os interesses, com as instituições, com os poderes constituídos, sejam ou imperfeitamente revelados,—sómente uma direcção—ou revelados mais claramente, e, neste caso, os homens cuidadosamente os conservem, agregando-se em associações secretas, usando um adequado simbolismo.

Tal seria a origem das seitas secretas que tem aparecido em todos os tempos. Os iluminados pela revelação, afrontando a religião corrente, produto de compromissos e interesses vários, teriam um caracter herético. A esperança de reintegração do mundo em Deus, pela última revelação, numa fase mais depurada do mundo, constituiria a idéa messiânica, que os portugueses deverão distinguir do sebastianismo, idéa particular e local. A preparação para a grande unificação, seria a convergência de todas as vontades e de todas as inteligências.

«O limite ideal da realidade é a unidade. Os idealistas doutr'ora desvairavam na submissão

porém. *Um só homem, um só pastor* professavam animando-se. Assim, o êrro do Passado consistiu em supor a Unidade só possível sob a Autoridade: A glória do futuro será conseguir a unidade na liberdade (O Enc. pág. 397).» Quer isto dizer: a revelação, a princípio vaga, decretára a unidade; os homens só viram a possibilidade dessa unidade por *um só pastor, um só rebanho*. Preparados os espíritos para a unidade, revelações ulteriores indicaram a liberdade como meio.

Os dragões, os inimigos que em algumas obras aparecem, até nos poetas épicos portugueses, seriam, segundo Bruno, referências à inquisição, que, imobilizada pelo dogma, perseguia os que iam subindo os degraus da verdade. Recordo-me do meu amigo me ter contado que considerava a rainha Santa Izabel uma herética, não só pela oposição levantada á sua canonização, mas ainda por ponderosas razões que me diria depois. Não chegou, porém, a dizê-l-as.

Chegára também a identificar Ceivantes com Avellaneda. Como lhe communicassem que um crítico espanhol retomava a sugestão já antiga dessa identidade, Bruno escreveu-lhe, animando-o a prosseguir na obra, afirmando-lhe que estava na verdade.

No «Plano dum livro a fazer» seriam estudados, além dos vultos eminentes da literatura universal, os nossos clássicos, e supunha Bruno que o mistério de Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão ficasse cabalmente, decisivamente, esclarecido.

Seria interessantíssimo, abstraindo mesmo do

sentido místico, estudar os documentos que o infatigável trabalhador reuniu sobre essa questão..

Esse «Plano» seria uma fecunda mina de informações para a história da literatura portuguesa. Embora não se aceitasse a sua intenção transcendente, encontrar-se-hiam muitos problemas resolvidos, e muitos outros pontos sob uma forma nova, da nossa história literária e política.



Falemos enfim da sua «Teoria Nova da Antiguidade», livro estranho, de que também apareceram fragmentos em vários jornais, *Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Noticias*, *Diário de Noticias* e em *A Águia*. Aí se revela Bruno em todo o esplendor do seu gênio, em toda a pujança da sua erudição; aí conquista o direito de ser contado entre os mais ilustres, se não o mais ilustre, dos pensadores portugueses.

Não nos cega, cremos, neste juízo, afinidade de idéas — que não existia, nem a amizade profunda que nos ligava. Nesses fragmentos pululam as *trouvailles*, as aproximações absolutamente inesperadas, as deduções mais subtis.

Esse livro era o filho bem-amado do seu espírito. Viveu-o com paixão: por êle sofria, quando suspeitava, por notícias bibliográficas, coincidências de pensamento, por êle se alegrava

quando, já esclarecidos, os seus temores se dissipavam. Dizia-me aliviado:— «safa! sempre apanhei um susto!»

Um dia o snr. Joaquim de Vasconcelos enviou-lhe um número do *Berliner Tageblatt*, o de 27 de Julho de 1913, no qual se dava um resumo da parte da sua teoria até aí publicada.

Não podendo, no momento, conseguir os diferentes números dos diversos jornais em que apareceram fragmentos da «Teoria Nova da Antiguidade», e mesmo porque Bruno nos dissera que estava mais ou menos exacto, vamos reproduzir na íntegra, êsse artigo, na tradução que fizemos a seu pedido e que publicamos por conta própria no jornal que a êsse tempo dirigíamos, *O Debate*, n.º 237, de 24 de Agosto de 1913.

O artigo é o seguinte:

«Um sábio português, José Pereira de Sampaio (Bruno) apresentou recentemente a teoria de que numerosos enigmas geográficos da antiguidade, lugares de Homero, Êsquilo, Avieno e Apolónio de Rhodes, receberiam uma solução simples e interessante desde que se procurasse a sua localização geográfica não no estreito de Messina ou de Gibraltar, mas sim no estreito de Behring. Podem-se aí situar com a maior verosimilhança, as colunas de Hércules, Scila e Caribdes, os rochedos flutuantes, entre os quais devia passar a Argo; as Sereias, etc.

Até aqui, a propósito dos rochedos flutuantes, as Simplégadas, só fugidamente, por mero acaso, se tinha pensado nos icebergs tão perigosos para os nadadores e navegantes. O sábio português, porém, encara-os a sério: os rochedos flutuantes, de paredes escorregadias, encontram-se, como icebergs, ainda hoje, no estreito de Behring, mas não se podem achar nem no estreito de Messina nem no estreito que dá entrada para o Mar Negro, onde se tem

querido localizar as Simplégadas, e correlativamente, Scila e Caribdes.

Já na antiguidade foram localizadas no alto norte as narrativas de Homero acerca dos Lestrígões e dos Cimérios, bem como a da viagem de Ulisses à terra dos mortos, sem por forma alguma se ver nelas sómente fantasia, antes tomando-as como distintos reflexos geográficos de navegações. O Gramático estoico, Crates de Mallos, supunha a terra dos Cimérios ou como elle lhe chamava, dos Cebérios, na zona polar. Também na descrição da viagem dos Argonautas, segundo Apolónio de Rhodes, o navio, logo no começo da viagem, passa entre as Simplégadas, isto é, também entre os pontos que em Homero se chamam Scila e Caribdes, para entrar nos infernos, que em Homero ficam perto da terra dos Cimérios também, ao norte.

Juntaam-se também, com efeito, a favor da hipótese do estreito de Behring, uma série de factores que provam que nele, antes do que no estreito de Messina ou no dos Dardanelos se deve procurar a situação das Cyáneas e de Scila e Caribdes».

«O sábio português que prepara sobre estes problemas uma obra maior, vai, de resto, mesmo a ponto de afirmar que a Argo também chegou a ir à América.

Agora, se temos alguma notícia nas viagens da Argo e de Ulisses, de terem chegado, outr'ora, navegadores até ao estreito de Behring, entre a Ásia e a América, deveriam os gregos, muito verosimilmente, ter recebido essas informações dos babilónios, cujos navios já tinham visitado o golfo Pérsico e o Oceano Índico.

Muitos factos auctorizam, com efeito, a supor-se que os babilónios tivessem chegado até o alto norte, entre a Ásia e a América; contudo os fenícios também chegaram às ilhas Británicas, costeando a Europa Occidental. Como quer que seja, deve a teoria do sábio português dar um novo incentivo aos geógrafos, filólogos, historiadores e amantes da literatura».

A parte final, que começa em «Agora, se temos, etc.», reputava-a Bruno divergente das suas idéas, e quanto à afirmação que a Argo chegou a ir

à América, era ela justamente o contrário do seu pensamento. Segundo êle, a Argo partiu da América para a Europa, e a sua viagem é uma variante dos erros de Ulisses.

É preciso, contudo, lêr todos os artigos de Bruno sobre o assunto. Não se pode imaginar a exuberância do seu pensamento, a agudeza das suas vistas. De resto, o seu programa era mais vasto. Bruno pensava na origem ártica da humanidade. Segundo êle, das regiões polares, o paraíso, derivára o homem para outros pontos. A Odissea era um dos ecos longínquos da viagem para a nossa Europa.

A Europa dos antigos era... a América. É necessário lêr-se, entre outros, o artigo referente ao Prometeu agrilhado. Os nomes das antigas terras da América, segundo José Sampaio, trouxeram-nos os emigrantes para a Europa, assim como os portugueses levaram para o Brazil, e os ingleses para as diferentes colónias, os nomes das suas terras. Daí as confusões geográficas dos gregos e romanos, as suas identificações topográficas forçadas.

Muitos factos concorrem a justificar as idéas de Bruno. Cite-se a opinião dos modernos paleontologistas, entre êles o sábio Depéret (*Les transformations du monde animal*) sôbre a origem ártica da vida, dizendo que sob a calote dos gelos polares se deveriam encontrar interessantes vestígios; os estudos paleontológicos de Heer e de Saporta, e até o assentimento de Quatrefages (*L'Espèce Humaine*, pág. 132) a ter vivido o homem primitivo nas regiões boreaes.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Carolina Michaelis falou-lhe um dia nas obras dum sábio hindú, Tilack, se bem me recordo, que também, nos seus estudos, procurara provar a origem polar do homem. Adquiriu logo êsse livro, bem como o dum sábio alemão (também por indicação da Snr.^a D. Carolina) que é uma vulgarização das idéas de Tilack (não garanto a ortografia) e pediu-me para lhe traduzir algumas passagens dêsse último. As idéas de Tilack concordam curiosamente com as do insigne português, e o apoio que lhe dá com passagens dos Vedas e do Zend Avesta, reforça-as consideravelmente,

Ainda passagens da «Medêa» de Séneca e das vidas de Plutarco (Camilo e Mário), os estudos de Beauvois e os já esquecidos de Brasseur de Bourbourg, etc., etc., podem ser invocados em favor da Teoria Nova da Antiguidade

Ora esta teoria, que a si mesma se basta, deduziu-a da sua metafísica. A demonstração das suas rápidas palavras sôbre êsse assunto, fá-la-hemos um dia, se conseguirmos examinar os seus apontamentos e artigos em esboço. Assalta-nos o escrúpulo de desvirtuarmos a concepção do grande morto.

E temos terminado esta sucinta resenha de tão considerável matéria. Rápidamente, abandonada a serenidade pela dôr da perda dum amigo querido, limitamo-nos a esta simples exposição ao correr da pena, sem abordarmos a sua obra de crítico, que o foi e dos maiores, e as suas qualidades de escritor.

Não criticamos, não frisamos os pontos em

que a nossa divergência era irreductível. O nosso intuito foi tão sómente mostrar as grandes linhas do sumptuoso edificio que o nosso sempre chorado amigo, absorto num sonho de perfeição, ia construindo carinhosamente.

Matozinhos, 10-12-915.

BERNARDIM RIBEIRO (1)

«**M**AIS uma tentativa de decifrar o inquietante problema da vida de Bernardim Ribeiro, eis o que parecerá demasiado arrojo, depois de tantos estudiosos terem investigado com o mais escrupuloso cuidado tudo quanto possa esclarecer a vida do eminente poeta. Parece-me, no entanto, que a algo de novo cheguei, que pode mudar as posições já tomadas pela crítica. Claro que não é nos limites dum simples artigo dum jornal diário que poderei documentar todas as afirmações, explanar todos os argumentos, desviar todas as interpretações contrárias à minha tese. Tudo isso reservo para um repousado estudo. Hoje apenas darei a linha geral da minha argumentação. Trata-se de uma hipótese que merece, a meu vêr, ser discutida, pois que se funda em factos graves, em coincidências que difficilmente podem ser atribuídas ao acaso.

Tendo publicado na Revista de Estudos Históricos (Boletim do Instituto dos Estudos Históricos da Faculdade de Letras do Porto), n.º 5, um estudo àcerca do estilo de Samuel Usque, provei, segundo creio, que Usque, pelo menos na pastoral da 1.ª parte da sua «Consolaçam»,

(1) Publicado no «Diário de Notícias» n.º 21481. É um primeiro esboço dum nosso livro a sair brevemente.

nada devia a Bernardim Ribeiro, mas sim a Sannazaro. (1) Este ponto, dizia eu no citado estudo, é fundamental para certos problemas da literatura portuguesa, e é, direi agora, o ponto de partida da hipótese que vou expôr, visando a esclarecer o problema da identidade de Bernardim Ribeiro.

Com efeito sabe-se que a 1.ª edição da «Menina e Moça» é de Ferrara, 1554, da Tipografia dos Usques, judeus, (V. a bela introdução às obras de B. Ribeiro, e C. Falcão, de D. Carolina Michaëlis. Compreende-se que só poderosos motivos levariam judeus a imprimir em Ferrara um livro em língua portuguesa. Ainda a propósito da singularidade do caso, consulte-se a citada obra da ilustre romancista. Dos motivos apresentados para explicar essa edição de Ferrara, o único que teria viabilidade seria o apresentado por D. Carolina Michaëlis, consistindo na suposição de que Samuel Usque imitou B. Ribeiro na sua «Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel», e depois, por gratidão de discípulo e admiração pelo introdutor do bucolismo em Portugal, tê-la publicado em Ferrara.

Mas a viabilidade desta hipótese cessa desde que se reconheça que Usque não imitou na referida pastoral Bernardim Ribeiro, mas sim Sannazaro, como demonstrei no artigo a que aludi.

A única hipótese que, a meu vêr, explica tão insólito caso, é supôr-se que B. Ribeiro fôsse

(1) V. supra, pág. 23 e seg.

um judeu, judeu de categoria, impondo-se à consideração dos seus correligionários.

Esta hipótese arrojada, exigida pela gravidade do problema, precisa de factos que a comprovem, e o primeiro seria não se encontrar na obra de Bernardim relativamente extensa, passo que não pudesse ter sido escrito por um judeu. De facto, não se encontra na obra de Bernardim qualquer alusão a ritos cristãos (há paródias apenas), nem sequer os nomes de Jesus, Cristo, Virgem, nome de qualquer santo, etc., o que não pode ser casual, pois que os renascentes portugueses, mesmo os mais livres, como, por exemplo Gil Vicente, frequentemente o fazem.

E não se diga que é por o assunto o não exigir. Há, por exemplo, as narrações das mortes do Cavaleiro da Ponte e de Belisa, enterro, etc., e nem sequer uma palavra alusiva aos ritos cristãos. E a prova de que um escritor cristão, tratando de idênticos assuntos, faria intervir a terminologia de cristã, é que, na 2.^a parte da «Menina e Moça», depois do XVII capítulo, parte evidentemente apócrifa como o mostrou a Snr.^a D. Carolina Michaëlis, aparecem expressões como: «E a enterrou nesta ermida (onde estou)»; ou «uma tumba coberta de pano de veludo preto e uma cruz de setim branco...»; ou «... não pôde pronunciar palavra, que se lhe fechou a bôca com um credo, e levantando as mãos faleceu, não havendo para mais tempo que para lhe meterem uma vela acesa na mão, sendo d'antes confessado e comungado», Eis, além das divergências do estilo e da acção, um dos mais importantes caracteres dife-

renciais da primeira parte e 17 primeiros capítulos da segunda, e os restantes da segunda,—êste de alusão a dados cristãos.

Nos primeiros capítulos da 2.^a parte que, na esteira de D. Carolina Michaëlis, julgamos autênticos, ocorre na edição de Évora uma passagem que destruiria a sua autenticidade se a edição de Ferrara, anterior, também a tivesse. É quando Avalor exclama: «—Santa Maria, vale-me!»

Mas na edição de Ferrara, em vez da expressão citada, aparece-nos: «Valha-me Deus!» (Obras de B. Ribeiro e C. Falcão, conforme a ed. de Ferrara, vol. 2.^o, pág. 143).

E assim é que está certo.

Outro facto que verifica a nossa hipótese é o caso da morte do cavalo de Bimarder pelos lobos e a fala do pastor a tal respeito. Note-se que esta passagem importante é anunciada por três espaços em branco na composição, ob. cit., 2.^o vol., pág. 62, caso a edição de B. Freire produza, como creio, a de Ferrara.

Com um subtil simbolismo, empregando a linguagem com que os judeus se lamentam das perseguições à sua raça, Bernardim diz-nos que o velho pastor começou com uma voz retumbante a dizer: «... os desastres que acontecem com as alimarias feras neste valle he cousa espantosa e para quem as souber mais leves de sofrer... Sendo eu mais mancebo que aguora diante os meus olhos me tomaram a vaca braguada may destoutras braguadas... Já aqui onde aguora estou me vieram matar no craro dia quantos bezeros tinha que ainda nã eram para andar

com as mãis... mas quãteu nã sei qual he pior para nos outros pastores, na terra q̄ he de pouca ervagem perēce-nos ho guado ha fome e qua nestoutra matãnolo, assi q. en toda parte nos vai mal... La vos senhor cavaleiro ho sabe-reis, podemos millhor sofrer ho mal que nos faz outrem que o que nos outros fazemos a nos outros mesmos, hos dãos da terra fraqua por que he em nosso poder sairmos della não nos podemos sofrer, os da dura porque não he em nos outros vedarmolos, sofremolos como po-demos...»

Esta indignação contra os lobos, a morte das ovelhas, as queixas contra as proprias dissiden-cias (ho mal que nos outros fazemos a nos outros mesmos) tudo indica que se alude às perseguições dos cristãos aos judeus e suas infelicidades.

Era êsse um lêma favorito dos escritores judeus. Isaac Abarbanel escrevera o seu livro «Dias do Século», «crónica em que recontava as aflições e calamidades que o povo de Deus havia sofrido em todas as idades» (António Ribeiro dos Santos, in «Memórias da Literatura Portuguesa», II, 360), e seu filho Juda Abarbanel, de que em breve nos occuparemos, também nos seus versos hebraicos trata de igual assunto. Como escritor, Juda compôs várias poesias, poucas das quais nos chegaram. Uma delas, uma queixa da sua época, é um canto vibrante pintando os sofrimentos do povo. (Histoire de la Littérature Juive, par Bloch et Levy, pag. 471). (*) Também em Samuel Usque as mesmas lamentações aparecem, os cristãos perseguidores são igualados a animais ferozes e

as vítimas a inocentes reses. «Ypochita, cruel e loba Espanha, rabazes e encarniçados lobos tragaram e ajuda tragam em ti o meu veloso rebanho... (Usque, Consolaçam, II, fl. II).

A relação, pois, entre Usque e B. Ribeiro vê-se agora, existe na «matéria hebraica» e não na directa imitação do bucolismo.

Mas ainda dois curiosos argumentos se podem aduzir em favor do Judaísmo de Bernardim. Conhece-se a escassez de referências dos quinhentistas ao grande bucolista. Pois vamos encontrar num escritor fortemente suspeito de cristão novo, Gaspar Frutuoso (V. «Suum Quique», por António Ferreira de Serpa, 1925, pág. 9) nas «Saúdades da Terra», não só a imitação de vários passos da «Menina e Moça», como ainda o seu sistema de anagramas, e, o que é mais, a citação do seu nome.

Em 1562, em Bugendo, rio de S. Domingos, terras da Guiné, uns cristãos novos representaram na véspera de Natal um auto alusivo ao nascimento de Cristo, com palhacices e chufas. A inquisição tomou conta do caso. O auto, obra evidente de judeu ou cristão novo, tinha como figurantes Silvestre, Amador e Leonor. Os dois primeiros são, como se sabe, os dois interlocutores da 3.^a égloga de B. Ribeiro. Este caso, embora não único, mercê da divulgação da folha volante em que pela primeira vez apareceu essa égloga, é

(1) Algumas poesias de Juda Abarbanel fôram recentemente traduzidas em francês pelo Dr. Nahum Slousch. Lisboa, 1928.

notável e será estudado no nosso trabalho. (V. Dr. António Baião «Estudo sôbre a inquisição portuguesa», separata do Bol. da 2.^a classe da Acad. das Ciências, vol. XII, 1919).

Lembramos ainda a proibição, pela censura, do livro tão inofensivo, aparentemente, como é a Menina e Moça.

* * *

Mas se Bernardim Ribeiro era judeu, uma questão mais grave surge: será êsse o seu verdadeiro nome?

A existência de nomes duplos nos judeus é incontestável, diz D. Carolina Michaëlis. E sendo assim, tendo o autor da Menina e Moça um nome hebraico, haverá meio de determinar qual êle fôsse?

Algumas das relações em que o nome cristão aparece ao lado do nome hebraico, são regularizáveis. Sabemos que umas vezes, se o nome hebreu dava por tradução um nome português aceitável, adoptavam os hebreus essa tradução; outras, se o nome hebreu se aproximava na pronúncia dum nome português, tomavam essa forma semelhante; outras, se o nome hebreu dava por anagrama um nome português vulgar, serviam-se dêsse nome vulgar. Outras vezes ainda, as relações são menos evidentes.

Segundo Isaac da Costa e Kayserling, Samuel Usque fôra Manuel Gomes em Lisboa, informamos D. C. Michaëlis. Êste dado é precioso para o nosso caso. Qual a relação entre os nomes Samuel Usque e Manuel Gomes? É, creio, uma

relação anagramática. Tenhamos presentes algumas das regras usuais dos anagramas para o verificar. Recordemos, pois, que não se podem introduzir novas letras, podendo cada uma das letras da palavra dada ser empregada várias vezes. Podem sobrar letras que já tivessem sido empregadas uma vez. Há equivalência das seguintes letras: m=n; q=g; I=J; o=u. Tudo isto será documentado no trabalho que preparamos.

Aplicando êstes princípios, vemos imediatamente que Manuel Gomes é o anagrama regular de Samuel Usque.

Esta nossa pequena descoberta levou-nos a procurar se algum judeu português teria nome hebraico que desse por anagrama Bernardim Ribeiro, consoante Samuel Usque, dera Manuel Gomes.

A investigação teria, assim, de obedecer às seguintes condições: 1.^a Nome de um judeu de alta categoria que estivesse numa relação anagramática com B. Ribeiro; 2.^a Tratar-se de indivíduo, que estivesse tempo suficiente em Portugal para ser um dos maiores escritores portugueses; 3.^a Ter estado tempo suficiente em Espanha para dar lugar a um romance popular e aparecer num cancionero espanhol uma poesia sua ou pelo menos a êle atribuída; 4.^a Ter êle ou sua família relações com os Usque, editores da Menina e Moça; 5.^a Ter a sua vida decorrido em tempo compatível com o atribuído ao B. Ribeiro oficial; 6.^a Ser um escritor.

Julgo que em Juda Abarbanel (ou Abravaniel, Abarbinel—cf. Ribeiro dos Santos, ob. cit.,

pág. 287) se reúnem todas estas condições, difíceis de explicar pelo acaso.

Efectivamente: 1.^a O nome dêsse Judeu de alta categoria, Juda Abarbanel ou Abarbinel, está numa relação anagramática regular com o nome de Bernardim Ribeiro, (Bernaldim, cf. a edição de Ferrara, etc.), como se pode verificar, tendo em consideração os princípios acima enunciados. Pode o leitor seguir a biografia dêsse homem eminente na obra do ilustre professor dr. Joaquim de Carvalho, «Leão Hebreu Filósofo».

2.^a Juda Abarbanel safu de Portugal em 1483, já médico e com fortuna própria.

3.^a Viveu em Espanha uns nove anos.

4.^a O seu irmão Samuel Abarbanel foi objecto da maior admiração por parte de Samuel Usque, que lhe chama, na sua Consolaçam, «um Tremegisto... três vezes grande, grande Sábio na ley, grande nobre e grande rico...» (Consolaçam, ed. M. dos Remédios, vol. III, fl. XXXV).

5.^a Juda Abarbanel nasceu em 1465 e, como se sabe, Teófilo Braga, antes de ser desorientado pelas blagues de Freitas e Baena, fixava a data do nascimento de B. Ribeiro em 1475, e recordemo-nos que a insigne crítica D. Carolina Michaëlis, por inferências legítimas, afirma que a letra do original de Bernardim era medieval (Obras de B. Ribeiro e C. Falcão, 1.^o vol., pág. 92).

6.^a Juda Abarbanel era um escritor, restando-nos dêle, pelo menos, os versos hebraicos que estudaremos no trabalho de que êste artigo é um muito imperfeito esbôço. E dissemos—pelo menos—porque há fortes dúvidas que Juda

Abarbanel seja o autor dos «Diálogos do Amor», matéria que também será desenvolvida no nosso estudo.

Finalmente, direi que, para prova que de algum modo o estilo da Menina e Moça andava na família de Juda, seu pai Isaac Abarbanel, tendo fugido para Espanha por ocasião da conspiração do Duque de Bragança, escrevia no prefácio dum seu livro: «Vivia eu tranquilo na casa que tinha herdado de meus pais...» (tr. de Adolfo Benarus — «Israel, 1924, pág. 39: cf. Barros Gomes, Prefácio do Príncipe Perfeito, e dr. Joaquim de Carvalho, ob. cit.) passagem que ainda recorda o começo da Menina e Moça.

* * *

Depois do exposto, convém esclarecer o leitor de que não nos embarçam os dois grupos de factos de que se poderiam servir possíveis contraditores: as relações de Ribeiro e Sá de Miranda, e o que hoje se conhece dum doutor Bernardim Ribeiro (um dos vários Bernardins Ribeiros que polularam no século XVI).

Quanto a Sá de Miranda, compartilhamos da opinião de Braancamp Freire e de D. Carolina Michaëlis («Comércio do Pôrto», de 23 de Outubro de 1921), de que a sua biografia deve ser novamente estudada. Como quer que seja, porém, não creio que o Franco de Sandovir que aparece na 2.^a égloga de Bernardim seja Sá de Miranda, pois que o anagrama é muito imperfeito. A referência a Célia (Délia, na edição de Fer-

rara), que Franco muito amava, não pode ser, como o mostrou Delfim Guimarães, alusão à Célia e Délia que aparecem em Sá de Miranda (V. «Bernardim Ribeiro», e «Arquivo Literário» do grande admirador do nosso bucolista). E desaparecido êste ponto de reparo fica sómente um anagrama muito vago, que se pôde aplicar, por exemplo, a Francisco de Sousa (cf. acima o que ficou dito sôbre os princípios dos anagramas). Recordemo-nos que na edição de Ferrara ocorre Franco de Saudouir — com «u» — e que êsse Francisco de Souza é um dos poetas do Cancioneiro de Rezende, que com João Rofs de Castel-Branco, (homónimo de Amato Luzitano, talvez seu parente) é quem mais se aproxima de B. Ribeiro e de Cristóvão Falcão (seja êste ou não seja o mesmo Bernardim). Note-se a proximidade no Cancioneiro das poesias de Francisco de Souza e de Bernardim.

De facto, se, como supomos, B. Ribeiro é Juda Abarbanel, mal se poderia explicar que Sá de Miranda e B. Ribeiro convivessem na mocidade, mesmo que atribuíssemos a Sá de Miranda o nascimento em 1485 ou 1481.

É possível, porém, que Miranda encontrasse Ribeiro na Itália e que a êle se refira em algumas das suas poesias. Que o Aleixo não é B. Ribeiro, já o mostrou com argumentos de admirável bom senso a excelsa romanista (Novos estudos sôbre Sá de Miranda); no entanto, pôde haver outras referências a Ribeiro, como supõe a mesma illustre Senhora, e que no futuro trabalho estudarei, reservando também para aí o caso das sextinas.

O outro grupo de factos é concernente a um Doutor Bernardim Ribeiro, de 1506 a 1512, nomeado escrivão da Câmara de D. João III.

Notemos que o nome—Bernardim Ribeiro—era muito freqüente no século XVI. Teófilo Braga aponta-nos 6 indivíduos com êsse nome nesse século e deve-se supor que o número de homónimos fôsse muito maior, visto como até nós chegaram êsses seis. Ora o dr. B. Ribeiro que freqüentou a Universidade e foi secretário da Câmara de João III, mal poderia ser o nosso poeta, pois que, se o poeta fôsse «doutor», não deixariam os seus editores de se referir a êsse facto. A 1.^a edição das obras de Sá de Miranda (1595) tem por título «As obras do celebrado Luzitano, o doutor Francisco Sá de Miranda, etc., e assim as outras; nas obras do dr. António Ferreira, também se menciona o título de «Doutor».

Como é que, pelo menos na edição de Évora, de André de Burgos (também um cristão novo) se não faz alusão a tal?

De resto, conforme a nota de Menéndez y Pelayo (Origines de la Novela, 1.^o vol, CDXLV) «nada em seus escritos revela os hábitos da profissão jurídica».

O documento de 1642, a ser autêntico (que eu saiba ainda não foi feito um exame por peritos a êsse documento. Exigem-no as precedentes «blagues» da descoberta da quinta em Sintra, das famosas genealogias de D. Manuel, do maroto do saloio, etc.) o documento de 1643, a ser autêntico, dizia eu, apenas nos diz que o estudante

e o secretário são a mesma pessoa, e que nasceu em determinado ano, como era natural. Segue-se, quando muito, melhor, a vida dêsse Doutor. O resto, biografias antigas, são amálgamas da vida dos diferentes Bernardins, como se sabe, a que Teófilo Braga ia juntando mais elementos da vida dum Bernardim de Ribera, que depois foi obrigado a retirar.

«Casi todo lo que de el se ha escrito son fabulas sin fundamento alguno. Aun los datos que pasan por mas verídicos hay que entresacarlos de sus églogas y ya se ve cuán arriesgado es el procedimiento de interpretar enigmas y alegorias». Menéndez y Pelayo, Orígenes de la Novela, vol. 1.º, 1905, pág. CDXXXIII).

Braancamp Freire, conhecendo já a ultima fase da questão, escrevia: «O sr. Tefiólo Braga na novela que intitulou Bernardim Ribeiro e o Bucolismo...», B. Freire, «Gil Vicente», Porto, 1919, pág. 206.

Demoradamente nos referiremos aos parentes do dr. Bernardim Ribeiro que se supunham parentes do poeta. Mas quanto ainda por tratar neste resumo tão desalinhavado! O nascimento no Torrão, a exegese da Menina e Moça e das Églogas, influências em B. Ribeiro dos clássicos e dos italianos (porque M. y Pelayo engana-se, quando afirma «Bernardim Ribero, hijo de la Edad Media y que en sus obras no revela erudicion alguna...») id, ibid, pág. CDXXXIII: o desconhecimento dos quinhentistas, com raras excepções, do poeta: a questão do Cristal, etc., etc.

Mas por hoje... «sat prata biberunt».

NOTAS SOBRE BERNARDIM RIBEIRO

Águia, 2.ª série, n.º 49 a 54

NAS presentes notas pretendemos corrigir alguns erros que a propósito de Bernardim se têm espalhado, e ainda sugerir certas relações que até hoje têm passado despercebidas.

Comentemos, em primeiro lugar, a afirmação de Menéndez y Pelayo de ser «Bernardim Ribeiro, hijo de la Edad Media e que en sus obras no revela erudicion alguna...»⁽¹⁾

Não é verdade. Bernardim Ribeiro conheceu e imitou escritores latinos, italianos e espanhois, como alguns exemplos mostrarão.

Descobrimos que os versos da égloga V de Ribeiro:

Sê for mudado teu bem	Em as tulhas que não tem
Não esperes por amigo,	Abundosamente trigo ² .
Porque o gorgulho não vem	

são a tradução livre dêstes de Ovídio:

Donec eris felix, multos numerabis amicos:
Tempora si fuerint nubila, solus eris.

Horrea formicæ tendunt ad inania nunquam³.

(1) M. y Pelayo—*Origenes de la Novela*, 1.º voi., CDXXXIII.

(2) Bernardim Ribeiro, egl. V, 401-5.

(3) Ovídio, *Tristes*, Liv. 1.º, elegia IX-5, 6, 9.

Em Bernardim:

Sendo bemaventurado,
Mil amigos te verão,
E porém vendo trocado,
O teu bem em mal passado
De ti todos fogirão:

E com a fortuna afastar
Verás todos afastados,
Assi que por não errar
Em mi quis esprementar
O *exemplo* dos passados (1).

Lê-se em Ovídio:

Scilicet, ut fulvum spectatur in ignibus aurum,
Tempore sic duro est inspicienda fides:
Dum juvat, et vultu ridet fortuna sereno,
Indelibatas cuncta sequuntur opes:
At simul intonuit, fugiunt: nec noscitur ulli,
Agminibus comitum qui modo cinctus erat.
Atque hæc, *exemplis* quondam collecta priorum,
Nunc mihi sunt propriis cognita vera malis... (2)

Mas não era só Ovídio o inspirador do nosso poeta: foi-o também Vergílio. O sr. Dr. Marques Braga na sua magnífica edição anotada das *Églogas* de Bernardim Ribeiro, cujo envio aproveito a ocasião para agradecer, mostra que os versos de Bernardim

I-vos, minhas cabras, i-vos,	Já vos não verei comer
Qado bemaventurado,	Penduradas no penedo
Em outro tempo passado,	Onde vos soia ver
Ficai-vos, ou despedi-vos	Andar saltando sem medo,
Despojo do meu cuidado:	Sem medo de me perder (3).

reproduzem os de Vergílio:

Ite meæ, felix quondam pecus, ite capellæ;
Non ego vos posthac viridi projectus in antro

(1) B. Ribeiro, egl. V, 391 a 400.

(2) Ovídio, *Tristes*, Liv. 1.º, elegia V, 25 a 32.

(3) B. Ribeiro — *Éclogas*, anotadas por Marques Braga. 1923, Lisboa, pág. 56 (écloga III, 71 a 80).

Dumosa pendere procul de rupe videbo.
Carmina nulla canam; non, me pascente, capellæ,
Florentem cytisum et salices carpetis amaras (1).

É certo que se poderia pretender que tal passagem não fôsse imitação ou tradução directa de Vergílio, mas sim da tradução de Juan del Encina, a qual, no passo em questão, é como segue:

<i>Aballa, aballa</i> , ganado,	Yo no cantaré mis trobas
<i>Andad, andad</i> , mis cabritos,	Ni teneré caramillo
Que se algun tiempo passado	Ni vos otras cabras bonas
Siendo yo más prosperado	Paraeceis ya las escobas
Fuystes vos otras benditas.	Ni las flores del tomillo,
No os veré	Ni vereys
Por las peñas, ni estaré	Las salzes de que corteis
Yo tendido en belloritas.	Con la bocca a algun ramillo (2).

Mas a consideração, além de tudo o mais, de que o poeta espanhol traduz o — *ite* — por — *andad* e *aballa* —, leva-nos a crer que Bernardim teve conhecimento do original.

Por estes exemplos, vê o leitor o poder de assimilação, a subtilidade, a alta cultura clássica de Bernardim. E não era só com os clássicos da antiguidade que o nosso poeta estava familiarizado: êle praticava os poetas espanhóis e italianos. Já em outro estudo (3) nos referimos à passagem de Petrarca:

Vede l'Aurora del aurato letto
Rimanare á mortali il giorno, l'Sol
Gia fuor dell oceano infin al petto (4)

(1) Dr. Marques Braga, ob. cit., pág. 57 (Verg. Buc. I, 74-8.

(2) *In Antologia de poetas líricos castellanos*, de M. Pelayo.

(3) V. supra, pág. 17.

(4) Petrarca — *Trionfo della Morte*, cap. II, terc. 60.

imitado por Bernardim na frase: o sol levantado até aos peitos ⁽¹⁾. E que o poeta português imitou os espanhóis, provou-o definitivamente Sousa Viterbo, mostrando que os versos do Cancioneiro de Rezende, da Autoria de Bernardim Ribeiro

Nunca foi nenhum mal mor
Nem n'o ha hi nos amores
Que a lembrança dos favores
No tempo dos desfavores.

não são a tradução directa do terceto de Dante

... Nessun maggior dolor
Que ricordasi del tempo felice
N'ella miseria... ⁽²⁾

como o asseveram Teófilo Braga ⁽³⁾ e Farinelli ⁽⁴⁾, mas sim tradução do espanhol, do Marquês de Santillana:

La mayor coyta que aver
Puede ningun amador
Es membrarse del placer
En el tiempo del dolor ⁽⁵⁾.

Já se vê pois quanto é inexacta a afirmação de M. Pelayo. Em a nota seguinte veremos as relações de Bernardim com Boccaccio.

⁽¹⁾ *Menina e Mõça*, Ed. conforme à de Ferrara, 2.º vol. pág. 46.

⁽²⁾ Dante, *Inferno*, Canto V.

⁽³⁾ T. Braga, *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, 1872, pág. 46.

⁽⁴⁾ Farinelli, *Dante in Spagna, Francia, Inghiltera, Germania. Torino*, 1922, pág. 119.

⁽⁵⁾ *A Revista*, ano 1.º, n.º 11, 1904, art. de Sousa Viterbo.



Tem-se afirmado que o Fileno que aparece na «Menina e Môça», é uma alusão ao nome de Felipe (Varnhagen) ou de Pero Gato, sendo, neste caso, o anagrama de felino, relativo a gato, etc. Essas explicações são mera fantasia, como vamos vêr.

A influência de Boccacio sôbre Bernardim já foi sumariamente notada, entre outros, por Aubrey Bell. Diz-se que entre as origens da «Menina e Môça» figura a Fiammeta, e a asserção é exacta, como verificámos.

E sendo assim, se Bernardim *com certeza* conheceu a «Fiammeta», é lícito supôr-se que conhecesse outras obras do mesmo autor. Ora no «Filocopo» aparece-nos uma personagem com o nome de Fileno, cujo papel tem certos pontos de contacto com o do Fileno da «Menina e Môça». Biancofiore ama Flório, mas os pais dêste opõem-se ao casamento e tentam fazer casar a donzela com um jovem cavaleiro «di lontane parte» chamado Fileno. E assim se esclarece melhor a origem dêste nome em Bernardim, do que recorrendo a Encina e a Tebaldeo, supomos. Ambos os Filenos (o de Boccacio e o de Bernardim Ribeiro) perturbam os amores dos fieis amantes (1).

E já que Boccacio nos deu a razão suficiente

(1) Boccacio—*Filococo*. V. o resumo desta obra in *Le Origine e lo svolgimento della Letteratura Italiana*, por M. Scherillo, 1.º vol., pág. 527 e seg.

do nome de Fileno, pode-nos dar também a do nome de Fauno. Com efeito, a sua 3.^a égloga, referente a Francesco degli Ordelaffi, grande caçador, intitula-se — Fauno.

Não podemos deixar de observar, tratando-se de Boccacio, que também este empregou, como Bernardim, anagramas. Veja-se, por exemplo, no Filococo: Gannai, anagrama de Gianna; Garamita, de Margarita; Airam, de Maria; Alleiram, de Mariella; Asenga, de Agnese; Arinavoi, de Jovanna, etc.

* * *

Vamos, nesta nota, tratar de mais responsabilizante matéria. A ilustre romanista, D. Carolina Michaëlis, cuja morte deploram todos os que pelas letras pátrias se interessam, deixou-nos, na sua introdução às obras de B. Ribeiro e Cristovam Falcão, monumento de percuciente crítica, uma asserção que merece se lhe dediquem algumas observações. É quando nos diz que Bernardim foi efectivamente o iniciador da introdução de jogos de letras em prosa portuguesa de imaginação, imitados de Sannazaro ⁽¹⁾ (e porque não de Boccacio?). Isto em prosa. Em versificadores nacionais e estrangeiros, reconhece a ilustre romanista a existência de anagramas ou hipéreteses, de palíndromos, acrósticos, logogrifos e labirintos antes de Bernardim haver completado ou aperfeiçoado os seus estudos em Itália...

(1) B. Ribeiro e C. Falcão — *Obras*, Coimbra, 1923, 1.º vol., pág. 233.

Em primeiro lugar, negamos, com Menéndez y Pelayo e contra o Dr. Ricardo Jorge, a influência de Sannazaro em Bernardim, mas essa questão em outro estudo será tratada, e não é por ela que escrevemos esta nótula. O motivo é outro. Pela cronologia de D. Carolina Michaëlis, a «Menina e Môça» teria sido escrita aparentemente durante a sua estada na Itália, em 1522 ou 1524, ou pouco depois do seu regresso à côrte. Admitamos 1522, o primeiro limite. Ainda neste caso a afirmação não se verifica. Na verdade, em obra de imaginação, em prosa, num romance de cavallaria, anterior a esta data, fazem-se jogos com letras, anagramas. É na Crónica do Imperador Clarimundo, de 1520 ⁽¹⁾, anterior dois anos à data mais antiga attribuida pela insigne escritora à «Menina e Môça».

Vasta matéria neste lance se nos oferece, e o problema que levanta é tão grave, tão imprevisito, que nos vamos limitar a aflorá-lo apenas, calando muitos pormenores, deixando para trabalho mais demorado o desenvolvimento e a documentação que tal assunto exige.

Falamos em João de Barros. Com efeito, o illustre historiador, no seu Clarimundo, usa anagramas, e, o que é mais sério, diz que os usa, o que elimina a parte do acaso. Vejamos: «o afilhado de Artinam houve nome Tinaimar, que são

(1) Embora duvidosa a ed. de 1520, João de Barros diz no Prólogo da *Ásia* que leu o Clarimundo em 1520, ao Rei.

as letras de Artinam.»⁽¹⁾ Aí figura também Arima, como em Ribeiro, que é, como se sabe, o anagrama de Maria.

Posto isto, estamos autorizados, por a declaração do autor, a procurar na obra outros anagramas. Vamos, em breve, aproveitar tal auto-rização.

Mas notemos primeiramente que as semelhanças entre a obra de Bernardim e a *Crónica do Imperador Clarimundo*, não ficam por aqui, nos anagramas. Há-as, mesmo, de tal sorte, que ou Barros se inspirou em Bernardim ou éste em Barros. De facto, apparecem no Clarimundo os nomes de Fileua, feminino de Fileno; o cavaleiro da Ponte; fala-se em «moça e menina»⁽²⁾ e encontram-se passos como «por fallecimento de seu pay ficara herdeira daquela terra que está entre dois Rios, hum chamado Tejo, outro Guadiana»⁽³⁾. Também frases no estilo de Bernardim occorrem em Barros, ex.: «Quando Minarte ouviu estas coisas, disse: certo, amo, eu sempre conheci em meu pai (que melhor glória haja do que me deixou em património) má vontade, e nas obras que pôde me deu tantas vezes a mostrar, té que com ellas me lançou fora de sua casa; a razão porque o fez não sei...»⁽⁴⁾

(1) J. de Barros—*Crónica do Imperador Clarimundo*, 1843, vol. 2.º, pág. 153. Nesta edição ocorre Artinão, mas nas anteriores aparece Artinam.

(2) J. de Barros, id., 2.º vol., pág. 458. No entanto esta expressão já aparece antes de Barros e talvez de Bernardim.

(3) J. de Barros, id., 3.º vol., pág. 38.

(4) J. de Barros, id., 1.º vol., pág. 49.

Outra: «tudo ao longo dum ribeiro mui gracioso...» (1), e ainda esta: «pois tantas coisas tenho por inimigas, que remédio pôde esperar êste triste em sentir e contente em padecer?» (2).

Estas analogias denunciam a influência de um sôbre o outro. Mas de qual? Se admitirmos a cronologia de D. Carolina Michaëlis, foi Bernardim o influenciado, pois que a sua «Menina e Moça», segundo esta ilustre Senhora, é de 1522 ou 1524. Mas será essa cronologia absolutamente certa? A própria douta romanista a dá com reserva. Em todo o caso, não haverá um meio objectivo de resolver a questão? É o momento de aproveitarmos a autorização que nos deu Barros e investigarmos se, efectivamente, algum anagrama nos pôde aparecer que elucide o problema. Entre êsses nomes fantásticos que aparecem no Clarimundo, um há que nos deve merecer atenção: é o de Arminer de Buda. Êste nome é... o anagrama de Bernardim Ribeiro, como o leitor pôde imediatamente verificar, lembrando-se dos usos anagramáticos, isto é, que u=o, e que não se podem introduzir letras novas nos anagramas, podendo-se empregar mais de uma vez as existentes no nome. Pôde considerar-se um anagrama perfeito. E se não é o maior dos acasos, dada a complexa estrutura do nome, temos a solução do nosso problema. A obra de Bernardim é anterior à de Barros, e êste tanta consideração tinha pelo grande bucolista que, além de o imitar, lhe

(1) J. de Barros, id., 2.º vol., pág. 124.

(2) J. de Barros, id., 2.º vol., pág. 112.

insinuou disfarçadamente o nome no seu «Clari-mundo». Isto leva-nos, como por outras razões já o fizemos no citado artigo do *Diário de Notícias*, a recuar muito a data da «Menina e Moça», e também a supôr que a ortodoxia de João de Barros não seria modelar, se Bernardim Ribeiro é Juda Abarbanel, como supomos. É certo que António Ribeiro dos Santos, nos afirma que João de Barros compôs o Diálogo Evangélico sôbre os Artigos da Fé contra o Talmud dos judeus, dedicado ao Cardeal Infante D. Henrique, e mais nos declara que não o conseguiu ler. (1) Seria obra da velhice do grande historiador? Seria dalgum seu homónimo?

Como quer que seja, cremos que o laço que prenderia Barros a Bernardim não seria o judaísmo dêste, mas sim outras razões que em outro estudo tentaremos desvendar.

(1) *Memórias da Literatura Portuguesa*, por António Ribeiro dos Santos, in «*Memórias da Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências*», 7.º vol., pág. 368.

ÍNDICE

Um problema de História Literária.	7
O Domínio pragmatista.	29
José Pereira de Sampaio.	39
Bernardim Ribeiro.	57
Notas sobre Bernardim Ribeiro.	70

CORRECÇÕES

<i>Pág. 16, linha 26</i> –	Leia-se	<i>Jacopo</i>
› 20 › 15 –	›	<i>claro sol</i>
› 58 › 16 –	›	<i>romanista</i>
› 59 › 20 –	›	<i>terminologia</i>
› 64 › 16 –	›	<i>Usque dera</i>